



## QUANDO AS MEMÓRIAS SE ENCONTRAM... APRENDENDO A SER PESQUISADOR<sup>1</sup>

**Aline Aparecida da Silva Flausino**

Graduanda em Letras pela UFJF

*Universidade Federal de Juiz de Fora – [alineflau@hotmail.com](mailto:alineflau@hotmail.com)*

**Álvaro Pedro Gomes Novais**

Graduando em Geografia pela UFJF

*Universidade Federal de Juiz de Fora – [alpegonova@hotmail.com](mailto:alpegonova@hotmail.com)*

**Orientadora: Simone da Silva Ribeiro**

Doutora em Educação pela UFJF

*Colégio de Aplicação João XXIII/Universidade Federal de Juiz de Fora – [simonerib@gmail.com](mailto:simonerib@gmail.com)*

### RESUMO

O presente trabalho pretende relatar algumas experiências e sensações desenvolvidas no campo de pesquisa proporcionado pelo projeto de extensão “INFÂNCIAS E MEMÓRIAS – RESGATANDO HISTÓRIAS DE MULHERES RURAIS NA ZONA DA MATA MINEIRA” realizado por alunos integrantes do grupo ECUS (Educação, Cultura e Sustentabilidade) da Universidade Federal de Juiz de Fora. A partir do compartilhamento de relatos dos alunos que participaram de duas entrevistas com duas mulheres da zona rural da Zona da Mata Mineira são tecidos observações e ponderações sobre memória, história oral e o percurso em se tornar pesquisador sob a perspectiva da educação popular e de valorizar os saberes dos sujeitos comuns.

Palavras chave: Memória. Mulheres. Educação do Campo.

### INTRODUÇÃO

Este artigo foi escrito a muitas mãos e para alguns de nós este foi um dos primeiros passos na pesquisa. Então, este artigo traz nossas primeiras impressões sobre as práticas de pesquisa em história oral a partir de relatos de um dia de campo do projeto “INFÂNCIAS E MEMÓRIAS – RESGATANDO HISTÓRIAS DE MULHERES RURAIS NA ZONA DA MATA MINEIRA”. Assim, entrecruzando nossas memórias às memórias das entrevistadas vamos refletindo sobre tantos temas inclusive sobre o papel da pesquisa e sobre como nos vemos nesse contexto.

### OS PASSOS QUE TRILHAMOS

<sup>1</sup>Este trabalho surgiu a partir da primeira experiência de um grupo de alunos vinculados ao Grupo de Pesquisa ECUS, da Universidade Federal de Juiz de Fora, em um projeto de extensão chamado “Infâncias e memórias – resgatando histórias de mulheres rurais da zona da mata mineira”. O projeto ainda está se encontra em andamento.



meio rural para refletir sobre as memórias de suas vivências escolares (ou a falta destas) e de suas infâncias. Como instrumental teórico metodológico utilizamos a História Oral e a abordagem autobiográfica que, aliadas ampliam as possibilidades de, a partir das vozes dos sujeitos, recuperar a singularidade das histórias narradas situando-as histórica e socioculturalmente, garantindo às mesmas o seu papel de construtoras da história.

De modo mais específico estamos tratando do direito à escolaridade e como este foi (ou não) efetivado e com esta pesquisa queremos ouvir as vozes e experiências de mulheres. Vozes que vem do campo, vozes das que trabalham e lutam por um pedaço de terra, vozes que foram por muito tempo silenciadas, mas que têm histórias pra contar. Queremos captar sua cronologia, ver o mundo através de reminiscências, conhecer as escolas de seu tempo. Tempo de infância, tempo de adolescência, tempo de juventude, tempo de vida adulta e tempo do envelhecimento. Algumas questões orientam nosso olhar: Como lembram de sua caminhada? Como essas mulheres rurais viveram seu tempo na família, na vida e na escola? Para conhecer esse tempo pretendemos trabalhar com narrativas de memórias, já que buscamos dar visibilidade à construção social dessas mulheres. E a infância é seu primeiro tempo de descoberta, de construção de personalidade. É o tempo também que se inicia a formação social, individual e coletiva de cada uma. Algumas questões sobre a questão da infância no campo nos instiga a refletir: como as crianças do campo se relacionam com o trabalho, com o brincar e com o estudar? O fato de trabalharem retira a infância dessas crianças? O que há de lúdico, de sofrimento ou de prazer em ser inserido, tão jovem, numa relação de produção? Como as relações de vida e trabalho no campo aparecem ou não aparecem na escola? O que ensina o trabalho e o que ensina a escola? Quais as percepções do espaço rural que as mulheres percebem a partir de suas experiências com relação às mudanças econômicas, estruturais e sociais? Conforme Calazans (1981):

... é comum a criança que trabalha encontrar dificuldades ao se defrontar com a escola, aparecendo-lhe as noções que ela transmite, puerilidades sem qualquer vinculação com os seus interesses vitais. Tal fato já permite supor que a inadaptação e a evasão da escola do campo tenham causas muito peculiares que deveriam ser estudadas fora do contexto das normas que conduzem as clássicas avaliações para análise deste problema nas escolas da cidade. (p.116)

Um dos meios através dos quais registramos estes encontros são os relatos dos pesquisadores que participam dos dias de campo e é a partir destes relatos que vamos narrar esta experiência.

<sup>1</sup>Este trabalho surgiu a partir da primeira experiência de um grupo de alunos vinculados ao Grupo de Pesquisa ECUS, da Universidade Federal de Juiz de Fora, em um projeto de extensão chamado “Infâncias e memórias – resgatando histórias de mulheres rurais da zona da mata mineira”. O projeto ainda está se encontra em andamento.



Apesar de longo, nosso meta é a realização de entrevistas individuais aprofundadas

envolvendo mulheres em cada um dos municípios envolvidos. Antes da ida a campo o processo de preparação envolve leituras e treinamento para o uso dos equipamentos:

*A preparação para as entrevistas durante a semana, com os encontros, as conversas e as leituras foram de enorme valia para o momento. O prazer em aprender e realizar algo novo é imprescindível. Tudo que nos permite fugir do meio conteudista da academia se torna uma oportunidade única de aprendizagem, fugindo do meio padronizado de “produzir” conhecimento que o atual sistema de ensino nos impõe. (Diego, 2017)*

*O livro que lemos antes da entrevista, “Tecnologia Social da Memória”, foi norteador e esclarecedor sobre o trabalho que iríamos desenvolver. (Larissa, 2017)*

*Após a leitura de algumas dissertações sobre a história oral e posteriormente a experiência prática, pude chegar a conclusão que essa metodologia não é apenas um interrogatório. Ela é tomada como fonte de compreensão do passado, juntamente com documentos escritos, imagens e outros tipos de registros, nos permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretaram acontecimentos e algumas situações em geral; tornando o estudo da história mais concreto e próximo e nos levando a melhor compreensão das memórias vividas por outros. (Aline, 2017)*

A História Oral prescinde de um método que envolve o “antes”, o “durante” e o “depois” da entrevista que, em geral, segue os seguintes passos: seleção minuciosa acerca dos entrevistados que tenham elementos capazes de contribuir para os resultados esperados da pesquisa. Em seguida, elaborar um plano de ação juntamente com a equipe de pesquisa, assim como definir os tipos de entrevistas desejadas sejam elas: temáticas, histórias de vida, rodas de histórias, linhas do tempo, dentre outros. A respeito do roteiro a ser seguido pelas entrevistas, é preciso se atentar quanto à linguagem específica àquele conjunto de indivíduos a que são destinadas. Outro aspecto importante é a preparação dos materiais de registro como os termos de autorização para captação e uso de imagens, fichas de identificação do material e preparação dos equipamentos necessários como câmeras, microfones, gravadores etc. Na História Oral o registro das entrevistas é o que transforma o depoimento em material de estudo e pesquisa, por isso, os equipamentos de captação de áudio e/ou vídeo necessitam de uma equipe para manuseio, além da realização de testes anteriores à entrevista para que não ocorram imprevistos. Durante a entrevista é importante ter em mente que a História Oral prescinde de narrativas descritivas e, o quanto possível, objetivas. Por isso é necessário que o entrevistador faça perguntas que sirvam de guia para estimular o entrevistado e o auxilie a encadear seus pensamentos de modo que a narrativa seja constante. É de suma importância que se tenha sensibilidade e flexibilidade diante do entrevistado para respeitar seu tempo, suas emoções e sentimentos uma vez que o trabalho com memórias é permeado por múltiplos significados. Indica-se fazer o uso de perguntas descritivas, avaliativas e diretas, dando fluidez à entrevista. A História Oral, diferente de um questionário ou interrogatório, é uma prática de

<sup>1</sup>Este trabalho surgiu a partir da primeira experiência de um grupo de alunos vinculados ao Grupo de Pesquisa ECUS, da Universidade Federal de Juiz de Fora, em um projeto de extensão chamado “Infâncias e memórias – resgatando histórias de mulheres rurais da zona da mata mineira”. O projeto ainda está se encontra em andamento.



interação entre duas ou mais partes – sendo de extrema importância que o (a) entrevistador (a) tenha uma postura de receptividade, curiosidade, respeito e humildade frente ao entrevistado uma vez que a narrativa em si é uma gama de informações preciosas a serem coletadas.

*A conversa com essa primeira entrevistada foi feita no quintal de sua casa, pois era um lugar confortável para ela e bem iluminado para a filmagem. Um quintal grande cheio de galinhas e pintinhos passando pra lá e pra cá, algumas árvores que proporcionam um local sombreado e fresco mesmo o dia estando quente. Ao redor da casa havia um barranco com um Ipê amarelo ainda florido, do lado debaixo um pequeno curral, um galinheiro e um chiqueiro. Nos sentamos para dar início a entrevista, ajustamos a câmera e o celular pra gravar o áudio, Darielle então começou pedindo para que ela falasse o seu nome completo, a data de nascimento, o local em que nasceu e sua infância. (Larissa, 2017)*

*A primeira entrevista foi realizada em uma casa simples, meus pensamentos tentavam entender como poderia ser a vida diante a falta de energia elétrica, algo que atualmente somos grandes dependentes. Me fez refletir um pouco sobre nossos antepassados e a vida tão simples que tinham. Ser refém das tecnologias da modernidade não se fazia presente ali. Ao entrar na casa e ver um fogão de lenha acesso, foi impossível não se encostar um pouquinho e curtir aquele momento que sempre esteve presente na minha infância durante as visitas à roça. É recordar o quão gostoso é se aquecer a beira do fogão de lenha e jogar conversa fora com pessoas que são importantes em sua vida. Realizamos a entrevista no quintal da casa onde haviam vários animais, a todo momento tínhamos que tentar deixar que as galinhas e os patos não atrapalhassem a gravação, as tentativas não foram tão sucedidas, todos se preenchiam do receio de que todo o ambiente externo poderia atrapalhar a filmagem. (Diego, 2017)*

O projeto de pesquisa tem como objetivo refletir sobre as experiências que marcaram as trajetórias de vida de mulheres rurais estabelecendo paralelos entre o passado e o presente, procurando caracterizar as mudanças que percebem nos territórios onde estão inseridas. Para alcançar este objetivo é necessário possibilitar as falas dessas mulheres sem valorar ou estabelecer hierarquias. E neste sentido a opção pela metodologia da história oral e pela abordagem autobiográfica nos traz a possibilidade de acessar suas trajetórias e recuperar memórias e experiências silenciadas.

*A conversa {...} já começa com uma carga emocional muito forte, onde ela inicia a entrevista nos contando sobre sua infância, repleta de violência, moral, psicológica, sobretudo física, o que me marcou pessoalmente nesse momento foi a descrição de alguns casos vividos por ela, como as constantes vezes em que ficava amarrada à uma árvore por sua mãe e até vezes em que tinha sua garganta pisoteada pela mesma. É interessante analisar esses fatos em contraposição às declarações da entrevistada sobre sua infância, onde as brincadeiras e tão pouco a escola eram uma realidade presente em sua vida, ou seja, a realidade dela enquanto criança era de trabalho e violência familiar, o que sem dúvidas não seria a realidade ideal a ser vivenciada em qualquer momento da vida de um sujeito, muito menos na fase de escolarização. Os casos relatados pela entrevistada eram acompanhados também de marcas em seu corpo, o que fazia que a cada frase que ela falava me sensibilizava mais quase me levando ao choro em diversos momentos somente neste início da conversa. (Álvaro, 2017)*

*Novamente pegamos estrada para retornarmos ao assentamento, a próxima entrevista foi realizada na escola. Chegamos lá e a Dona Linda - como gosta de ser chamada – já estava*

<sup>1</sup>Este trabalho surgiu a partir da primeira experiência de um grupo de alunos vinculados ao Grupo de Pesquisa ECUS, da Universidade Federal de Juiz de Fora, em um projeto de extensão chamado “Infâncias e memórias – resgatando histórias de mulheres rurais da zona da mata mineira”. O projeto ainda está se encontra em andamento.



Desafios pedagógicos de uma sociedade *perando ansiosamente para realizar sua entrevista. Era de se ver a alegria que contagiava seus olhos com o momento único de ter voz e poder contar um pouquinho mais da sua incrível história de vida. (Diego, 2017)*

A história oral como metodologia de pesquisa possibilita abordar temáticas pouco acessíveis por meio de outras fontes, tais como a que propomos neste trabalho. Por meio do ato de recordar, a partir do qual as mulheres reconstroem o passado, a própria vida é reconstruída, assim como as relações e os lugares. No próprio ato de narrar o sujeito reinventa-se, conferindo, muitas vezes, ao passado significações que somente podem ser compreendidas a partir do lugar – não apenas individual, mas também social – que ocupa no presente. Nesse sentido, memória individual e memória coletiva são consideradas indissociáveis.

*Por fim, ela rememora da casa que morava na infância, com muita alegria e saudosismo, dos costumes, etc. Quando conta da escola que estudou quando criança ela comenta que se lembra das professoras que teve, do espaço escolar, da relação com as professoras por ser cidade pequena e todos morarem perto e se conhecerem. (Larissa, 2017)*

*As mulheres depoentes na gravação viveram sua infância permeada pelo trabalho e pela falta de escola. Foi gratificante observar a narração de suas histórias. Histórias com as quais me identifico muito. A sabedoria (e que sabedoria) e alegria daquelas mulheres nos fazem aprender que mesmo com inúmeras dificuldades as pessoas sobrevivem e ainda resistem e persistem na zona rural. (Aline, 2017)*

Halbwachs (1990) afirma que o ato de recordar está enraizado no movimento interpessoal das instituições sociais como a família, a classe social, a escola e também a profissão. “A reminiscência está na origem da cadeia da tradição que transmite os acontecimentos de geração em geração [...] ela recria a rede que todas as histórias, em última instância, constroem entre si” (BENJAMIN, 1992, p. 44). Walter Benjamin (1992) afirma que o novo não é o vazio do movimento aleatório, não surge de gestos sem vínculos com a nossa trajetória. Este novo tem história, surge da tradição que é liberta pelo presente, ou seja, da relação dialética que o presente acordado estabelece com os sonhos do passado.

*Um aspecto que me chamou muita atenção é o quanto a memória do outro pode me afetar nesse contato, nessa contação. Pude ao longo da fala de Dona Linda resgatar memórias da minha vida também e histórias que ouvia de minha mãe, uma delas dizendo sobre minha avó, que analfabeta, pegou um ônibus errado dentro de São Paulo e se perdeu, assim como Dona Linda em Juiz de Fora, e é aí nessa interação entre histórias de vidas que a gente percebe o quanto ficamos mais sensíveis a algumas contações que a outras. Quando Dona Linda conta sobre ter ficado perdida em Juiz de Fora ela defende que a escola, a leitura, a escrita são muito importantes para as pessoas. (Larissa, 2017)*

*Revigorado, a viagem para casa foi tranquila. A vontade de logo começar a produzir e externalizar todo aquele conhecimento que nos foi transmitido é gigante. Acredito ser este o nosso maior objetivo, que é assumir, diante cada entrevistado, o compromisso de reforçar e dar voz as suas batalhas diárias. (Diego, 2017)*

<sup>1</sup>Este trabalho surgiu a partir da primeira experiência de um grupo de alunos vinculados ao Grupo de Pesquisa ECUS, da Universidade Federal de Juiz de Fora, em um projeto de extensão chamado “Infâncias e memórias – resgatando histórias de mulheres rurais da zona da mata mineira”. O projeto ainda está se encontra em andamento.



Desafios pedagógicos de uma sociedade em transformação. *As memórias relatadas nos trazem a um passado que se junta com as percepções do presente, este passado não pode ser revivido, mas traz para elas um outro sentido para o presente, e este sentido é de um mundo melhor. E o mais interessante é no final perguntar quais são seus sonhos para o futuro, e ver em seus olhos o brilho ao falar de seus desejos.* (Aline, 2017)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho que percorremos até este momento e as análises realizadas apontam para a potencialidade e diversidade da História Oral, tanto no que diz respeito aos campos de estudo que dela fazem uso quanto às concepções que a embasam. De modo geral, podemos afirmar que como metodologia de pesquisa possibilita abordar temáticas pouco acessíveis por meio de outras fontes, estimula a discussão interdisciplinar e explicita um novo modo de fazer ciência, em que a escrita narrativa se faz presente, e na qual os sujeitos-pesquisadores e os sujeitos-pesquisados alternam-se mutuamente na difícil tarefa de produção do conhecimento.

A História Oral como método de resgate das histórias por meio da visão dos entrevistados e das entrevistadas é um instrumento de valorização dos aspectos culturais e de construção da identidade desses indivíduos. Desse modo, afirmamos a importância e a relevância do trabalho com a história de vida de indivíduos negligenciados da seletividade científica da historiografia, trazendo ao domínio social os registros das suas vivências, traduzindo as memórias individuais como parte da história da sociedade, da memória coletiva e por meio da metodologia desenvolvida através da História Oral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994. 484p.

CALAZANS, Maria Julieta C, et al. Políticas educacionais: Questões e contradições da Educação Rural no Brasil In: WERTEIN, Jorge e BORDENAVE, Juan Diaz (orgs). **Educação rural no terceiro mundo: Experiências e novas alternativas**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981. p. 161 a 197.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

<sup>1</sup>Este trabalho surgiu a partir da primeira experiência de um grupo de alunos vinculados ao Grupo de Pesquisa ECUS, da Universidade Federal de Juiz de Fora, em um projeto de extensão chamado "Infâncias e memórias – resgatando histórias de mulheres rurais da zona da mata mineira". O projeto ainda está se encontra em andamento.